

O PONTO



PROJETO DE EXTENSÃO DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE LETRAS - UNILAB/BA

DAMOS LUGAR À ESPERANÇA

Débora Teles

Chegamos ao final de mais um ano. Chegamos ao fim!
Fim!!

Quando buscamos no dicionário o significado da palavra fim, nos deparamos com várias descrições diferentes... para alguns, o fim é a extremidade no tempo e no espaço. Para outros, é a conclusão de algo ou um ponto que se interrompe. É certo que cada um de nós pode enxergar o fim de uma maneira diferente. É certo, também, que de alguma forma todos nós enfrentamos o fim esse ano.

2021 foi a continuidade de muitos “fins” patrocinados e arquitetados pelo atual desgoverno deste país. Aqui poderíamos comportar facilmente o fim como um ponto interrompido, quando vimos muitos dos nossos direitos e conquistas serem sufocados e silenciados por discursos e decisões tolas, vimos desemprego, descaso, fome, fogo, acordos desfeitos, e toda sorte de inseguranças. Encaramos o fim por meio de perdas imensuráveis, e algumas coisas tiveram fim dentro de nós. Lidamos com o final de prazos, o fim da espera, o fim da dor, o fim das férias e, por muitas vezes, ansiamos o fim.

Entretanto, caros leitorxs, o fim se encerra em um novo começo!

Há um fim que ansiamos de todo coração, porque ele traz consigo a luz de um novo tempo, e esse fim traz boas novas. De todos os fins que enfrentamos neste ano, em todas as vezes que encaramos um ponto interrompido, nós do ponto e do Sem ponto escolhemos a esperança. Nenhuma espera, nenhuma dor é para sempre e, enquanto tivermos uns aos outros, ainda haverá esperança. Temos fé no brilho nos olhos de nossos irmãos e irmãs.

Revestidos de esperança, resistimos. A esperança de Paulo Freire, do verbo “esperançar”. A esperança de lutar, resistir, batalhar mas não desistir de ter esperança em uma vida mais digna para todos. Veja, as perdas são irreparáveis e nossa alma chorará eternamente por elas, mas choraremos e clamaremos, empunhando espadas e, “no fim”, daremos lugar a um novo começo.

É o que te desejamos, caro(a) leitor(a), que seja forte, que resista, mas sobretudo que tenha esperança porque só ela pode produzir resistência, só ela poderá te manter firme, que nossa esperança seja inabalável... e que ela produza, em nós, resiliência.



ATENÇÃO!!!

Mestrado Acadêmico em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil - África

MEL

Malês

MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS: CONTEXTOS LUSÓFONOS BRASIL-ÁFRICA

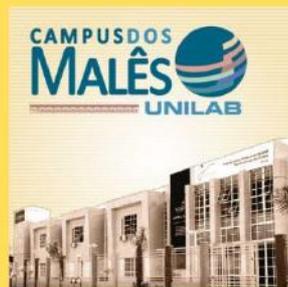


Processo de seleção para a turma de 2021

Período de inscrições prorrogado até **10 de janeiro de 2022**

Para acesso ao edital e mais informações:

www.melmales.unilab.edu.br



UNILAB
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Três linhas de pesquisa:



1. Estudos Linguísticos e suas interfaces;
2. Estudos Literários e suas interfaces;
3. Estudos das linguagens em contextos educacionais.

“GLOBAL GATEWAY”

Plano da União Europeia como resposta a Pequim

Nicandro Oquete Indi

Graduando em Humanidades pela UNILAB BA

A ascensão da China no âmbito internacional não preocupa apenas os Estados Unidos, mas também a União Europeia, particularmente. O novo avanço teórico da tendência comportamental dos EUA, principalmente a partir das teorias pós-positivas das Relações Internacionais que se baseiam na cooperação-conflito, têm sido decolante e observável no campo das RIs, suscitando, assim, as competições entre os Estados.

Faz sentido salientar que, depois da 2ª guerra mundial, surgiu uma bipolaridade entre Estados Unidos e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Na medida que os EUA se impõem na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), por outro lado a resposta da URSS está associada à Organização do Tratado de Varsóvia (OTV). A primeira associação prima pelas questões de arcabouço capitalista, e no segundo caso, o que se reverbera é o horizonte socialista.

Recentemente, no dia 01 de dezembro de 2021, a União Europeia lançou um novo plano internacional de infraestrutura denominado “GLOBAL GATEWAY” (Portal Global). O plano visa mobilizar 300 bilhões de euros (R\$1.9 trilhões) com vistas a investir nos projetos públicos e privados de infraestrutura. A referida iniciativa é virada para os países em via de desenvolvimento. Também o “GLOBAL GATEWAY”, segundo a executiva europeia Ursula von der Leyen, (PORTAL ISTOÉ, 2021), tem como pano de fundo um “alcance global” e a adaptação às nPorém, a União Europeia alega alavancar essa iniciativa com o intuito de rivalizar com a iniciativa chinesa, conhecida como “Nova Rota da Seda” (One Belt, One Road), criada em 2013, cujo objetivo é de financiar projetos de infraestrutura em países em desenvolvimento. Desde o surgimento do plano chinês até 2020, Pequim já havia investido cerca de US\$ 140 bilhões (cerca de R\$ 790 bilhões) em todo o mundo. Só no ano passado, os investimentos ficaram na ordem de US\$ 20 bilhões (R\$ 113 bilhões), (PORTAL ISTOÉ, 2021). No entanto, a União Europeia e os Estados Unidos alegam, criticando, que a iniciativa chinesa possibilitou supostamente a dependência econômica dos países mais fracos e estes se aprisionam em dívidas. ecessidades e interesses estratégicos de diferentes regiões.



Com base nessa crítica estendida pela União Europeia e o surgimento de “GLOBAL GATEWAY”, pode-se notar, o quanto a grande organização internacional de renome e de modelo (UE) entra num embate com a China, tendencialmente entrando em competição, difamação e desencorajamento do plano chinês. Maria Demertzis, economista-chefe e vice-diretora do think tank Bruegel, sediado em Bruxelas e especializado em pesquisa de política em questões econômicas, alertou que a “Comissão Europeia não deve fazer com que a iniciativa se concentre na competição com a China” (DW, 2021).

É obvio que, no teto internacional, a competição realisticamente é enxergável. Porém, alguma pergunta inquietante acaba aparecendo: será que o financiamento do projeto “GLOBAL GATEWAY”, sendo da União Europeia, com toda sua tendência e ambição como qualquer organização, não vai suscitar dependência e dívidas? Acredito que sim! Isto porque todo financiamento, ainda bem que de uma entidade forte para entidades fracas, quer entre organizações, quer entre os estados na sua bilateralidade, há sempre uma quota de contrapartida. E o espírito de fazer os fracos dependerem dos fortes está nas lentes do ocidente, principalmente nas grandes potências que primam pela hegemonia.

Dito isso, não no sentido de descartar a iniciativa da União Europeia, todavia simplesmente no meu horizonte, enxergo que os fatores alegados e criticados pela UE contra a China serão os mesmos, provavelmente. Portanto, é preciso que os Estados em desenvolvimento pautem pela escolha de pacotes melhores dos projetos financeiros mobilizados para ajudar ou projetos que correspondam com as expectativas e interesses locais. Se cuidem, pois, novas facetas políticas do ocidente ou de um poder hegemônico a meu ver, seriam da dependência e efetivação de dívidas. Porque estas duas armas amortecem as decisões dos Estados e abalam suas autonomias.

LIVRAI-NOS DOS PARASITAS E DA COLEIRA CONTRÁRIA DO AUTODESENVOLVIMENTO, AMÉM!

Erica Paula Vasconcelos

Acadêmica de Relações Internacionais -
UNILAB/BA

Quando eu trago no título a palavra “livrai-nos”, estou usando esta palavra para lembrar justamente o sentido de uma oração de livramento contra o mal. E quem é o mal? A qual mal me refiro? Aos parasitas! O parasita é um organismo que vive de outro organismo, obtendo dele alimento e causando-lhe dano. Neste artigo de opinião, estou justamente afirmando que a falta do dito “desenvolvimento”, no Continente Africano, é porque os parasitas europeus vivem dentro da África financiando seu autodesenvolvimento e causando muito danos ao Continente. Além disso, prendem os africanos numa verdadeira coleira contrária, a qual remete justamente a idéia de que os africanos estão presos ao sistema europeu de exploração, estão encoleirados, e, por isso, não conseguem se desenvolver. Assim, os africanos, continuam sendo usados para para que a Europa se autodesenvolva, por isso, Ki-Zerbo (2009) chama essa relação de diálogo de surdos.

Recentemente, eu ouvi a frase: “África é pobre! Se eu fosse você não iria para lá”, dita por um mototaxista, após eu dizer que iria viajar para o continente africano para passar as férias. Na verdade, entre esta afirmação e outras, percebemos que a África sempre é associada ao que é atrasado, ao que é pobre e incivilizado. A priori, não culpo as pessoas por estes olhares, pois elas reproduzem os olhares deixados pelo colonialismo e que são colocados nos filmes, nas propagandas, nas novelas e em alguns livros. Olhares que trazem contextos racistas e xenofóbicos contra o continente e os africanos. Além disso, refletir sobre um continente tão heterogêneo envolve os aspectos socioculturais, políticos, institucionais e, principalmente, econômicos que, por causa das guerras, das explorações e da escravidão, sofreram e sofrem na tentativa de conseguir se desenvolver. E para debater juntamente comigo as questões que envolvem a África e a busca ao desenvolvimento e sua conjuntura, estarei dialogando com Ki-Zerbo (2009); Bembe (2016); Diallo (2011); Macuane (2005); Achille Mbembe (2014) e Santos (2000).

A ponto de partida, irei problematizar justamente a ligação entre a categoria “atraso” associado à África e respaldada pela literatura. Eu posso afirmar que é uma consequência do contrato de financiamento criado, redigido e autenticado pelos europeus, e com sustento vitalício com a Europa em seu autodesenvolvimento. Pautanda na fala de Domingos Bembe



(2016), ele critica os países europeus pois, por causa da Europa, o sistema de governação de muitos países africanos é ainda caracterizado por um total desrespeito aos Direitos Humanos, como também pela marginalização da grande maioria de seus povos. De fato, sempre quando falamos sobre a relação entre África e Europa voltaremos para o período colonial. Seria impossível olhar para o Continente e não ver os destroços deixados pelos colonizadores. Foi, na verdade, uma relação que começou mal, e por isso, precisa ser exorcizada. Nessa relação, o pecado original foi o tráfico dos negros, como bem ressalta Ki-Zerbo (2009). Podemos, mesmo assim, falar de desenvolvimento africano? É bem verdade que, o desenvolvimento ao qual estamos dialogando está relacionado com a economia, a cultura, a política do continente africano. Sendo assim, o Ki-Zerbo tenta diagnosticar o motivo do “atraso” no desenvolvimento africano. Ele aponta para a Europa porque, durante muito tempo, os europeus promoveram o seu autodesenvolvimento se apoiando na exploração dos africanos e de outros povos, ou seja, eles eram como “parasitas”, que se alimentavam dos nutrientes africanos para crescerem e se desenvolver.

Na verdade, percebe-se nessa relação dos dois lados. De um lado, estão os parasitas que criaram uma espécie de coleira contrária no seu hospedeiro para o próprio autodesenvolvimento. Do outro, os hospedeiros que estão presos e são sugados pelos parasitas. Nessa relação, o desenvolvimento não existe, o que existe é a base de interesse por poder que é respaldado pelo autodesenvolvimento, pois apenas um lado se desenvolve enquanto o outro promove este desenvolver. Um exemplo disso é a relação da África com o Fundo Monetário Internacional (FMI), uma organização financeira que oferece “ajudas” pontuais e temporárias a determinados países. Vale lembrar que esta organização foi criada pelos Estados Unidos em 1944.

O que parece ser uma “mão amiga” é, na verdade, um grande golpe, pois estes empréstimos têm juros altíssimos e a dívida só aumenta, causando, assim, uma bola de neve. O esquema do FMI é “perfeito”! Eles emprestam o capital para os países pobres com o discurso de ser cooperação para o desenvolvimento. Estes empréstimos depois são cobrados com juros e multas muito altos e, assim, o EUA ficam mais ricos e o país cliente, mais endividado. O irônico é que a África foi colônia dos EUA, ou seja, teve seus recursos explorados excessivamente, atrasando o dito “desenvolvimento” e hoje ainda deve pagar para entrar nessa corrida desenvolvimentista. É como se o colonialismo mudasse o termo para “cooperação”, porque o modelo de desenvolvimento hoje é ditado por algumas organizações que movimentam políticas de instituições internacionais, tais como: a Organização das Nações Unidas (ONU), Instituições de Bretton Woods, FMI, Banco Mundial e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Estas organizações, que são controladas pelos países mais industrializados, têm manipulado e influenciado, bem como ditado quais são as melhores estratégias de desenvolvimento, dando assim caminhos políticos controlados para os países subdesenvolvidos se desenvolverem. Por conta dessas e outras questões que a África pós-colonial é uma junção de formas, signos e linguagens que são expressados no trabalho de um mundo que luta para existir por si só. Refiro-me ao dito desenvolvimento, ou seja, o continente tenta se enquadrar em uma velocidade de transformações para não ser visto mais como atrasado, tentando também manter um equilíbrio entre a violência, a vida e o punho de uma comunidade descolonizada.

Na obra “Sair da grande noite”, de Achille Mbembe (2014), o autor afirma que a África precisa de recomposições sociais profundas, e tudo começa na redefinição da soberania dos Estados africanos. O problema maior é que a colonização passou, mas, deixou sua herança na sociedade atual, heranças como: precariedades, exclusão, a pobreza em massa e a comunidade internacional e suas explorações mascarada dos recursos naturais.

Sendo assim, Mbembe (2014) afirma que, tanto os agentes privados, como os agentes estatais africanos, ficam vulneráveis economicamente face às pressões exteriores. Por isso, são obrigados a procurar novos recursos. O autor, ainda vai trazer outros aspectos que foram vetores importantes no desenvolvimento do continente. Ele afirma que o fator “guerra” e todas as suas vertentes causaram um imbricamento social, muitas vezes de ordens políticas.

Imaginemos, pois, que o continente africano foi drasticamente explorado, os colonizadores que escravizaram, exploraram e fizeram todo tipo de atrocidade deixadas nas sociedades africanas, as quais estavam tentando se reerguer, são forçadas a entrarem em guerra e a sofrerem dez vezes mais do que a colonização deixou. Ou seja, em uma democratização, enquanto lutavam por uma metáfora central do poder e a utopia da transformação social, o desenvolvimento passava pela implementação das instituições, como, partidos, sindicatos e o exército, bem como, os direitos individuais.

Gosto muito quando o Macuane (2005) fala sobre “Os paradoxos do Desenvolvimento À LA CARTE”, pois daí percebo que, na verdade, mesmo a África comemorando mais de cinco décadas da dita “independência” de seus países, olhando para o atual contexto africano percebemos que ela continua muito mais dependente. É interessante falar de dependência, porque ela está entrelaçada com o desenvolvimento econômico. Por exemplo, após a Segunda Guerra Mundial, houve várias assembleias para a criação de muitas instituições mundiais internacionais para se discutir sobre as questões do desenvolvimento. Nesse período, alguns países do continente africano – e destaco aqui o caso de Gana – apresentavam os mais altos índices de desenvolvimento.

Estes dados chamaram a atenção dos parasitas do autodesenvolvimento, os quais criaram uma espécie de “estratégia”, que eu chamaria de *modus operandi* do sugar, até porque, estas estratégias deixaram o continente africano em uma pesada massa de endividamento, e isso aconteceu nos anos 60 e 70. Este endividamento foi também patrocinado pelos altíssimos saldos do banco do ocidente, de fatores relacionados principalmente com as receitas do petróleo. Neste período, a África estava na categoria dos países em desenvolvimento, mesmo assim sustentou o continente europeu a ponto de entrar em crise. Nos anos 80 e 90, os parasitas criaram uma espécie de “programa de ajustamento estrutural”, chamado também de Washington, em diversos países africanos.

Por isso o KI-zerbo (2009) vai perguntar: “desenvolvimento para quem?” E eu complementaria: “Como e quando?” Diallo (2011) nós traz uma visão otimista sobre um renascimento do continente africano. Ele separa esse renascimento em três fases: a primeira ele se refere aos diversos períodos da independência, a partir de 1960; depois, a segunda fase, foi o surgimento da Organização da Unidade Africana, em 1963; e, na terceira fase, foi a libertação do líder Nelson Mandela e o fim do apartheid, em 1990. O autor ainda aponta perspectivas de integração africana e as inscreve no movimento de globalização que, tanto os programas, quanto a política, favorecem o crescimento econômico e o desenvolvimento. Eu digo que o Diallo tem uma visão muito milagrosa sobre estas questões.

Na verdade, a independência, o apartheid, a OUA e a globalização foram conquistas que não dependeram unicamente do Continente. Algumas foram resultados de acordos com a Europa em troca de outro benefício, além disso, algumas são manipuladas pelo sistema corrupto político deixando a eficácia das políticas públicas no continente mais lentas, e o povo padecendo. Diallo ainda diz que, para os países em “desenvolvimento”, a integração regional não é um fim, mas sim, uma estratégia para promover o desenvolvimento. Esta visão é equivocada, até porque o termo estratégia e desenvolvimento foram criados para que a África continuasse financiando o robusto desenvolvimento econômico europeu.

Para não ser tão pessimista no que se diz a respeito à globalização, vou mencionar o que escreveu o Milton Santos (2000), quando ele destaca os três mundos da globalização, são eles: 1) o mundo que nos fazem crer, em que ele nos traz a globalização como fábula; 2) o mundo como é, que é justamente o lado perverso da globalização, principalmente para países em desenvolvimento, e, por último; 3) o mundo como poderia ser, ou seja, uma outra perspectiva de globalização. Este último mundo trazido sob a perspectiva de Milton é muito interessante porque nós leva a pensar em como poderíamos envolver os países que são considerados de “terceiro mundo” ou até mesmo “subdesenvolvidos” na globalização.

Do lado de ganhos e não só de perdas, seria a globalização a solução viável para o progresso do desenvolvimento no Continente Africano? Sobre essa pergunta vale ressaltar que o mundo em que vivemos é dividido, em que, por um lado, vemos o extraordinário progresso das ciências e das técnicas que frutificam as mais avançadas tecnologias, e por outro, uma parte que é obrigada a acelerar e criar métodos e técnicas para alcançar o primeiro lado. Por isso, a globalização é uma fábula, pois nos trás um “mundo de fantasias”, mostrando sua base sempre sólida na atualidade e mantendo sempre a continuidade do sistema.

Na verdade, a globalização é uma verdadeira fábrica de perversidade, onde suas produções são a pobreza, o desemprego, os baixos salários, a fome, o desabrigo, as enfermidades e a escassez da educação. Todas essas questões promovem cada vez mais a perversidade, ações hegemônicas e a competitividade. Agora responda, é possível a África entrar neste sistema de globalização e prosperar? Este questionamento é só para reflexão.

Hoje, o desenvolvimento é um termo usado para tudo porque muitas pessoas partem do princípio de que o desenvolvimento conduz a base da escala para o alto. Justamente, este termo foi criado pelos americanos, como bem mencionei antes, depois da Segunda Guerra Mundial, e na minha concepção, criaram este termo para fazer mesmo uma separação entre os países. Atualmente, os dirigentes ocidentais, em seus eventos, conferências e assembleias, convidam a África para fazer cooperação com eles para que ela possa se desenvolver, ou seja, uma cooperação mentirosa e perversa, pois são trocas de favores que têm por pauta a exploração maquiada. Como bem lembra KI-Zebo, os países do Sul nunca vão se aproximar dos países industrializados, porém estes continuam a dizer: “Aproximem-se de nós! Façam como nós!” Enquanto criam este discurso hipócrita, muitas pessoas estão morrendo de pneumonia em Uagadugu por causa da grande poluição provocada pelos produtos de má qualidade que os europeus vendem na África.

Por isso, continuo perguntando: “DESENVOLVIMENTO, PARA QUEM?”



A FORÇA DA NOSSA UNIÃO

Lidiane Conceição

É com muita alegria que chegamos a um ano de publicação do Jornal “O Ponto” e do podcast “Sem Ponto”, mais especificamente, um ano de publicação de pautas referentes à inclusão social, equidade e acessibilidade. Tivemos a alegria de poder contar com a participação dos nossos convidados, como: Everton Pereira, Ludmilla Valverde, Priscila Matos, Thais Faustino, José Wellington, Alquiloma João e Vanessa Teixeira, assim como também, em uma das organizações do tema, tivemos a participação especial da colega Maria Isabel, que contribuiu muito para as causas aqui defendidas. Só temos a agradecer por todos, todas e todes vocês terem aceitado os convites e terem compartilhado conhecimentos tão relevantes.

A temática da inclusão surgiu no intuito de mobilizar, sensibilizar e conscientizar os direitos das pessoas com deficiência e com mobilidade reduzida, expondo as violações do cumprimento das Leis Federais, a ineficiência de políticas públicas e o que a sociedade pode contribuir para mudar a realidade excludente. É sabido que a inclusão social, equidade e acessibilidade ainda é um desafio. Existe a importância das Leis, mas elas sozinhas não alteram o cenário. É preciso que a sociedade se conscientize e debata constantemente essa temática, para que, dessa forma, ocorram mudanças de atitudes para que o cenário seja de acesso para todes.

Qualquer município, órgãos públicos e privados, escolas e universidades devem atender aos critérios de acessibilidade arquitetônica, atitudinal, metodológica, instrumental, comunicação, transporte, acessibilidade programática, natural e digital, enfim, deve ser acessível para todes. Em dezembro, tivemos muitas comemorações referentes ao tema: no dia 3 de dezembro foi celebrado o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência; no dia 5 foi comemorado o Dia Nacional da Acessibilidade; no dia 10, o Dia Internacional dos Direitos Humanos, e; no dia 13, o Dia Nacional da Pessoa com Deficiência Visual. Ou seja, o mês de dezembro é recheado de celebrações de inclusão social e equidade, reforçando a necessidade de continuarmos estudando essas questões e avançando rumo a uma sociedade mais incluyente e democrática.

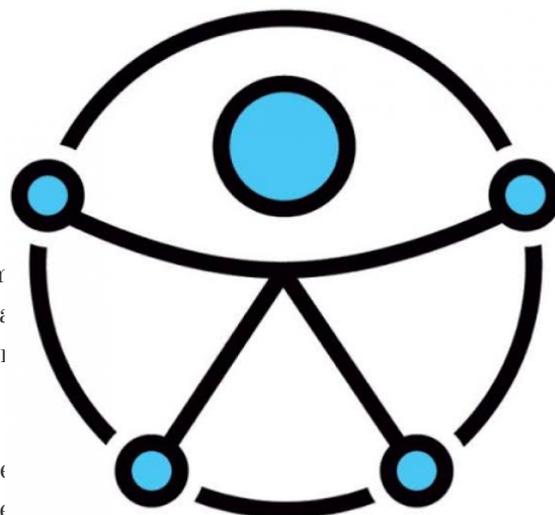
Reveja os temas publicados no Jornal O Ponto em cada mês:

Janeiro - Inclusão da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida através da Acessibilidade, por Lidiane Conceição.

Fevereiro - Vivências e Contribuições dos Profissionais de Libras e o Processo de Inclusão da Pessoa Surda no âmbito Educacional e Social, por Everton Pereira da Silva.

Vamos falar
sobre...

INCLUSÃO?



Março - Grupo Autismo Santo Amaro, por Ludmilla Valverde e Priscila Matos.

Abril - Quem é considerado pessoa com deficiência? Por Lidiane Conceição.

Maior - A importância da Tecnologia Assistiva na vida da pessoa com deficiência e mobilidade reduzida, por Lidiane Conceição.

Junho - Sou deficiente visual, mas é você que não me enxerga, organizada por Lidiane Conceição e Maria Isabel.

Julho - Ensino com Inclusão e equidade através da acessibilidade metodológica, por Lidiane Conceição.

Agosto - A poesia como ferramenta de ensino-aprendizagem para disléxico, por Thais Faustino e José Wellington.

Setembro - Reflexão sobre inclusão e exclusão social, por Lidiane Conceição.

Outubro - Educação especial na Guiné-Bissau, por Alquiloma João.

Novembro - O processo de formação de professores/as no ensino de Libras na UNILAB: dificuldade e perspectivas, por Vanessa Teixeira.

Diante dessa retrospectiva, celebramos um ano do projeto “Jornal O Ponto / Podcast Sem Ponto”. Sinto a alegria de ter o meu dever cumprido com responsabilidade e espero que eu tenha conseguido plantar pelo menos uma sementinha em alguém. Quero informar que estou me despedindo da equipe com gostinho de saudades. Só tenho a agradecer pelo acolhimento, a amizade e a confiança por conduzir todo esse tempo nessa temática. Gratidão!



2021 ESTÁ CHEGANDO AO FIM

O fim de ano é sempre um momento de reflexão, de pensar um pouco sobre a vida, de fazer uma avaliação sobre o que conseguimos realizar ou não e traçar novos planos.

O fim de ano é sempre um momento de magia, fortalecimento de laços e prática da solidariedade.

O fim de ano é sempre um momento de renovação dos nossos sonhos e esperanças.

Sabemos que enfrentamos dificuldades e muitos desafios este ano, mas é importante mantermos a chama da esperança acesa. A esperança de que o próximo ano será melhor e de que daremos o melhor que podemos dar, respeitando o nosso tempo e os nossos limites.

Agora é hora de um breve descanso, porque logo começa tudo outra vez!

Desejamos que todos possam renovar as energias para o próximo ano que se avizinha. Continuem se cuidando e cuidando dos seus para que possamos estar bem mental, emocionalmente e, principalmente, com saúde.

Com a chegada do período natalino, desejamos que a paz, amor e alegria reinem em nossos corações neste Natal e no Ano Novo que se aproxima.

Até 2022!

Wânia e Lavínia



JORNAL O PONTO E PODCAST SEM PONTO: UM ANINHO DE VIDA!!!!

EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO!

"E o parabéns?!" É com muita alegria que o episódio desse mês do Sem Ponto comemora o primeiro ano de vida do Jornal O Ponto e da gente mesmo, o Sem Ponto!!!! Ao longo de 2021, foram 12 edições... Assim, depois de um ano de vida, é tempo de fazer um balanço e de celebrar! Bó?!

JORNAL O PONTO Podcast Sem Ponto

MAIS RESISTE!

CONTINUE ESSE PAPO EM NOSSAS REDES SOCIAIS: @JORNALOPONTO



RETROSPECTIVAS E PERSPECTIVAS

A equipe do Ponto procurou estudantes e professores para trazer as palavras, emoções e desabafos de cada um e cada uma sobre 2021 e 2022. Convidamos a todos para um mergulho nessas percepções e para nos sentirmos mais perto uns dos outros, num grande abraço fraterno de final de ano!



Meu nome é Lucas Augusto Cabi, estudante de curso de Letras e Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus do Malês. Sou guineense, nasci em Bissau. O ano 2021, foi um ano muito difícil creio que não é só para mim, mas para a maioria das pessoas que vêm enfrentando muitos problemas ao longo deste ano. Desde janeiro até aqui, muitas pessoas perderam os seus entes queridos por causa da COVID-19, uma doença que abalou o mundo inteiro não somente aqui, no Brasil. Assim com a maioria dos países sentiram essa doença que acabou por ceifar as vidas das pessoas. O ano 2021, com essa pandemia, levou algumas pessoas a passarem fome, porque a comida é cara... tão caríssima nos mercados. Algumas pessoas perderam o emprego tendo em conta à questão da pandemia.

Os momentos vividos neste ano não podemos dizer que todos foram ruins, porque algo bom sempre acontece conosco, por exemplo, sucessos nos estudos, trabalho etc. Dessa forma, estamos a chegar ao final deste ano com saúde e isso é razão de muita alegria, em contraponto a toda tristeza pelas famílias que perderam parentes e amigos também. Por outro lado, as vacinas e os cuidados necessários para combater esta pandemia são os melhores remédios neste momento. Cada um e uma de nós somos responsáveis pelas nossas vidas.

As minhas expectativas para o próximo ano creio que não haverá diferenças com todas as pessoas. Portanto, espero que no ano que vem todo mundo tenha tomado as doses completas da vacina, para que possamos retomar as nossas atividades presenciais com maior segurança. Que seja um ano de muita luta para combater a fome a qual existiu em 2021.

Faltando tão pouco para 2021 acabar, confesso que ainda tenho dificuldades de descrever este ano com precisão. 2021 foi, para mim, um ano agriçoce. Tive minhas esperanças renovadas com o início e o avanço da vacinação contra o COVID-19. Vivi momentos de alegria na interação com os discentes, ainda que de modo remoto, em aulas, orientações, encontros, eventos acadêmicos e em bancas de defesas. Contudo, admito também que 2021 foi um ano em que tive minha saúde (física e mental) prejudicada. Em inúmeras ocasiões, estive perto de um colapso provocado especialmente pela sobrecarga de trabalho. Perdi as contas de quantas vezes, doente, realizei atividades profissionais. Reconheço que não estou sozinha: sei que muitos colegas também passaram e estão passando por isso, deixo, portanto, registrada a minha solidariedade a todos que se sentirem contemplados com o relato. Desejo que 2022 seja mais gentil e leve para todos nós.

Prof^a Manuele Bandeira

Eu sou a Márcia Cândido Issenguele, angolana, estudante do quarto semestre do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade (BIH) pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês localizada na cidade de São Francisco do Conde.

Falar de 2021!!! O que eu posso dizer sobre esse ano? Foi um ano conturbado, complexo, cheio de perdas no geral... e também de vidas geradas. Foi um ano que tudo ficou apertado. A vida social ficou um caos, o psicológico entrou em colapso, foi um embate forte com a realidade.

Nem sempre soube lidar com esse novo contexto. Às vezes, me sentia sufocada dentro da minha própria casa, pelo fato de estar lá constantemente e não houver tanta distração fora os momentos com os amigos que hoje se tornaram a minha família aqui.

Foi difícil! Sim, foi difícil acordar todas as manhãs e ter a mesma rotina - "aula remota e igreja" - de vez em quando, uma saída e caminhada básica. Ao menos se tivéssemos numa cidade que facilitasse a locomoção e também um lugar mais dinâmico, seria mais fácil enfrentar esse cenário pandêmico.

Não que a cidade seria o motivo de acabar com essa agonia, mas ajudaria bastante na distração, uma vez que teria distintas áreas para explorar com os meninos que hoje são a minha família. Não foi fácil e nunca será. Nunca será fácil viver longe da família ainda mais sob o cenário social que vivemos. O mundo tá um caos. É criança padecendo por falta de alimento, é criança indo atrás de sobrevivência, é um aperto forte... o pior é a impotência de não poder ajudá-los. Há momentos em que lágrimas caem por causa disso, todavia, busco refúgios e forças a Deus para suportar e não entrar em depressão, porque já foi pior. Portanto, além dos problemas enfrentados e vividos, foi também um ano de muito aprendizado e conquistas. Aprendi muito sobre convivência, amor, família e tempo. Tempo porque realmente a vida é um sopro, e num piscar de olhos tudo pode de fato mudar e vidas podem deixar de existir.

Fazer planos é fundamental na vida do ser humano, no entanto, isso não pode ser a condição para a sua realização enquanto pessoa. É importante termos a consciência que não somos eternos. Portanto, viver o presente como se fosse o último momento, agradecer e amar intensamente, ser cauteloso, cuidadoso e proativo é essencial nessa longa estrada da vida. Esse ano ensinou-me muito com relação a esses aspetos, com tudo, que posamos amar mais e odiar menos. Que haja mais amor e solidariedade, porque dor e tristeza têm até demais no mundo.

Sobre 2022, tenho muitos planos, mas quero viver uma coisa de cada vez. Esse ano aprendi muito sobre o tempo, me vi pulando várias etapas que seriam fundamentais na minha jornada, e não quero que isso se repita no ano que vem. Que o próximo ano eu consiga defender o meu TCC, que no próximo ano crianças que estão em extrema miséria possam ser ajudadas. Que o próximo ano seja um ano de luz, paz, prosperidade e amor. Em suma, espero viver um dia de cada vez e ser grata pelo que sou e tenho, pois sou uma privilegiada pelo simples fato de existir e pela família que tenho.

2021 foi o ano de encarar os retalhos, apreciar um a um, juntá-los dia após dia, com a costura do amor, do cuidado, da amizade, do sal e do sol. Reconstruir tudo de novo, uma colcha nova, que contém o desgastado, mas é promessa de novidade.

Profª Ludmylla Mendes

Chamo-me Tiago Vilingas Jaime, de nacionalidade angolana, tenho 23 anos, sou estudante do quinto semestre do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade (BIH) pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês localizado na cidade de São Francisco do Conde.

Em primeiro lugar, dizer que o ano 2021 foi um ano difícil para todos nós, atendo-me à situação caótica que estamos enfrentando (pandemia). O mundo em geral assistiu de perto várias vidas serem levadas pelo coronavírus, apesar de todo protocolo de saúde, ainda assim, muitas vidas continuam em perigo. Foi também um ano de muita aprendizagem, alegria, além disso, um ano de muita reflexão.

Dizer que, estamos a caminhar, paulatinamente, e espero que 2022 seja um ano de muita prosperidade, muita benção para todos nós. Além disso, espero que a pandemia seja dada como um caso resolvido e que todos que esperam vencer em 2022 alcancem seus objetivos. E por outra, que o índice de desenvolvimento humano seja produtivo em todos os sectores da vida. E que alegria seja radiante para todos e todas independentemente das perdas que tiveram em 2021.



Caramó Seco Mané - Curso: Letras-Língua Portuguesa

Primeiramente gostaria de agradecer ao Jornal O Ponto pela oportunidade que me deram para explicar o quão “caótico” foi o ano 2021 na minha vida e compartilhar um pouco das minhas expectativas para 2022. Na verdade, 2021 tem sido um ano difícil, ano de muita tristeza, de muito sofrimento e muito desafiador. Muita coisa aconteceu na minha vida e no seio da minha família. Perdemos entes queridos, razão pela qual, em alguns momentos, tive uma sensação de falta de direção. Me refiro direção de seguir em frente e evitar frustração. Mas graças a Deus e às amizades que fiz, livros que li e filmes que assisti, de alguma forma tudo isso contribuiu bastante para meu emocional. No que toca à faculdade, o ano 2021 foi um ano desafiador tanto para os estudantes, assim como para os professores. Toda a comunidade acadêmica teve que repensar as práticas tradicionais para encarar o novo método (ensino remoto). Não foi fácil, mas juntos nos reinventamos e superamos em partes.

Certamente, a maioria das pessoas não esperava a crise e a dificuldade que ocorreu durante 2021. Tivemos a impressão que o novo ano seria muito melhor em relação ao ano de 2020. Muito pelo contrário, acontece que as coisas não fluíram ao nosso favor. Mesmo assim, seguimos em frente porque a dificuldade nos torna muito mais fortes. Outro ponto importante que aconteceu comigo neste ano de 2021 foi a minha eleição para o cargo do presidente do fórum dos estudantes guineenses de São Francisco do Conde/BA. Assumi um cargo muito difícil que, além de me trazer mais demanda, me exigiu muita cautela. Para ser sincero, nunca me imaginei nesse estágio de responsabilidade onde estou agora. Decerto, dirigir a comunidade acadêmica não é uma tarefa fácil, a cobrança sempre é demais e é preciso muita atenção para não estragar tudo.

No que se refere às minhas expectativas para 2022, primeiramente torço para que todo mundo seja vacinado... para que possamos retomar às nossas aulas de forma presencial e que nossos projetos pessoais assim como coletivos se concretizem. Serei ingrato se não desejar saúde, felicidade e prosperidade a todo mundo...

Saudações a todos!

Eu sou a Jandira Francisco Domingos, estudante angolana do curso de Letras- Língua Portuguesa, estou no meu 5º semestre do curso. Fui convidada pelo jornal “O Ponto” para relatar como foi o ano de 2021 para mim e o que eu espero do ano de 2022.

O ano de 2021, para mim, foi um ano cheio de incertezas, por causa da pandemia que estamos a atravessar. Foi um ano de igual modo desafiador, porque tivemos que nos adaptar às únicas ferramentas disponíveis para a realização de trabalhos, no caso ao contexto digital. 2021 foi um ano de muita reflexão sobre a fragilidade da vida, sobre a comunhão com a família e, como sou uma mulher cristã, foi um ano para reforçar a minha comunhão e fé em Cristo Jesus.

Apesar do cenário de incertezas e desafios, houve também ganhos significativos e esses ganhos ajudaram muito na caminhada acadêmica que estou traçando. Tive a oportunidade de apresentar trabalhos, frutos da minha pesquisa, na Semana Universitária e na Semana de Letras, as quais decorreram em 2021.

Entretanto, eu acredito que cada novo ano vem com seus desafios e cabe a cada um de nós superá-los. Então, eu espero que 2022 seja um ano de esperanças, de renovações e que alcancemos o que cogitamos para 2022. E sem esquecer que desejo que 2022 traga recomeços acadêmicos e que as aulas presenciais venham.

Me despeço reiterando os meus votos de saudações e de agradecimento pela oportunidade de poder compartilhar sobre este relato pessoal. Muito obrigada!



Vania Alves Gomes - B.I. Humanidades.

O ano de 2021 foi e está sendo desafiador! Sair da zona de conforto, enfrentar o diferente com imparcialidade, porém com otimismo. Não estou em condições de criar expectativas diante do cenário de incertezas, me sinto muito vulnerável. No momento pretendo continuar os estudos, vivendo a vida sem cobrar nada dela e nem de mim.

Sou Cornélia Mendes, estudante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Estou no 4º semestre de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Campus dos Malês.

Os últimos anos têm sido de muitas dificuldades, aprendizados, oportunidades e superação para mim e, acredito, que para muitas outras pessoas também. Ora, o que falar do ano 2021, já que está no fim? Ao meu ver, 2021 foi um ano atípico e difícil, porém, de muita reflexão e ensinamentos. Com o isolamento social e a pandemia que tem ceifado milhares de vidas, nos afastando do convívio presencial, de coisas que amamos, soma ainda mais às dores, saudades e dificuldades para quem se encontra distante de sua família. Mas ao olharmos para trás, precisamos agradecer a Deus pela vida, pela sorte de termos conseguido superar a cada instante esses obstáculos e compreender que sozinhos não somos nada e nem ninguém. Portanto, a gratidão por estar bem e com saúde é enorme e, espero que o ano 2022 seja promissor, de grandes desafios e muitas realizações em que todos nós.





2021, passa logo!

Deusa do Amor

Bem, minha gente, fim do ano batendo na porta. Um ano difícil que se acaba, diga-se de passagem! Ele desceu goela abaixo de forma dolorosa, com muito sofrimento e lamento. Mas conseguimos, né? Seguimos, acreditando nas boas novas do ano que virá.

Infelizmente, não consegui iniciar esse texto com felicidade, com o fervor tão esperado para essa época natalina. Não foi nada bom para mim – e acredito que para milhões de brasileiras(os) também não – passar por essas mudanças ocasionadas, principalmente, pela pandemia e o retrocessos das políticas públicas. O tanto de gente que perdemos, o desgoverno, a fome, a pobreza, a apatia e tantas outras coisas ruins que foram se alastrando junto à covid-19. Nunca fiquei tão ansiosa para o ano acabar...

Ansiedade... ansiedade... Desenvolvi-a também durante a pandemia. Noites em claro, falta de apetite, dores de cabeça, choros, culpabilidade... Caramba! Até que ponto cheguei. E se me desejarem Feliz Natal, certamente, responderei que não tenho tantas felicidades à comemorar no momento. Parece, aliás, é, uma mensagem ríspida sim. Só queria que vocês soubessem dessa dor que eu carrego. Mas não é uma dor só minha. Uma reportagem emitida em maio desse ano, pelo jornal USP, revela que nos primeiros meses da pandemia, “oito entre dez brasileiros já sofriam de algum transtorno de ansiedade”. Com os casos de morte substancialmente regredindo, possivelmente essa estatística tem-se alterado.

Não só doenças mentais perseguiram a mim e a minha comunidade, como também doenças estruturais. Agora, privada do espaço da universidade, estou passando mais dias com as pessoas do lugar onde eu moro. E não pude deixar de notar que minhas irmãs, as mulheres negras que eu vi crescer, estão sendo bombardeadas, espancadas, desmoralizadas com mais frequência pelos seus “companheiros” e parentes homens. E que as crianças, o futuro negro da minha nação, não estão aprenderam muita coisa esse ano, pois a escola só enchiam eles e elas de atividades para ter nota avaliativa. Algumas pessoas que conheci, incluindo uma criança (ex-aluno), foram contaminada por sars-cov-2 e morreram. Sabe de uma? A polícia não parou nem um instante de matar corpos negros em meio a esse alvoroço todo. É, meus amigos e amigas, estou chorando por mais um jovem negro que foi brutalmente assassinado em minha periferia. Então, por favor, não venham com seu feliz natal. Poupem-me!

Amarguras percorrem o meu corpo como sangue. Já as palavras brutas rasgam a minha garganta. Estou balbuciando uma por uma, para que a dor seja suportável.

Incrivelmente, eu me apaixonei durante essa bagunça que foi a minha vida de 2021. Um beijo formidável de uma mulher quente derreteu-me. É uma pena que ainda não estou na minha melhor versão. Assumi-me bissexual: um avanço. Mas preciso curar-me dessa tristeza toda para amá-la do jeito como ela merece e me sentir capaz de lutar nessa conflituosa jornada do não heteronormativo.

Com a graça de Deus e dos Orixás, só quero amanhecer viva quando 2021 passar e poder olhar para os olhos da pretinha e dizer que tudo ficará bem. Até agora, só foi isso que pensei e desejo.

Axé!

2021...

Já acabou?

Já passou?

Quando, onde?

E o que chegou?

O quê?

Escrever?

Ah, mas...

Nem sei...

O que dizer...

O que falar?

Ou melhor ouvir?

Só aprender...

E observar...

Certas vezes chorar...

Acolher, abraçar...

Ou a lágrima do outro enxugar.

Abraços sem toque

Virtualidade do amor

Ubuntu na tela

Na força ou na dor...

E seguir,

Acreditar!

Trabalhar,

Trabalhar,

Trabalhar...

AHHH!

Cuidado!

Vá devagar!

Sorrir com os olhos

E meditar...

Inspirar e expirar profundamente:

Ahhh!

Ou ao menos tentar...

Sentir o pé na terra

Sentindo cada “ar”...

E plantar...ah! Isso sim!

Em terras reais ou literais

Os frutos irão chegar!

Oh! Que alegria!

Se vacinar!!!!

Isso sim, ciência já!

Se reconectar

Se reinventar

Em meio ao caos se motivar...

Se desligar!! “Offlinezar”

Se encantar e se desencantar...

Ver potências pra compartilhar

Encontrar histórias pra acalantar...

Colher fruta do pé e degustar..

E o que marcou,

O que ficou,

O que brotou...

Foram os verbos:

PERSISTIR e ESPERANÇAR!

Que bom poder com você agora
conjuguar

E até aqui chegar!

Agradecer!

E continuar a dizer:

UBUNTU JÁ!

Prof^a Ana Rita Barbosa



NOSSAS PALAVRAS!

Alexandre Silveira

Como coordenador desse projeto, quero agradecer a cada um e cada uma que, em alguma medida, contribuíram para que nossas doze (primeiras) edições pudessem ser realizadas com sucesso.

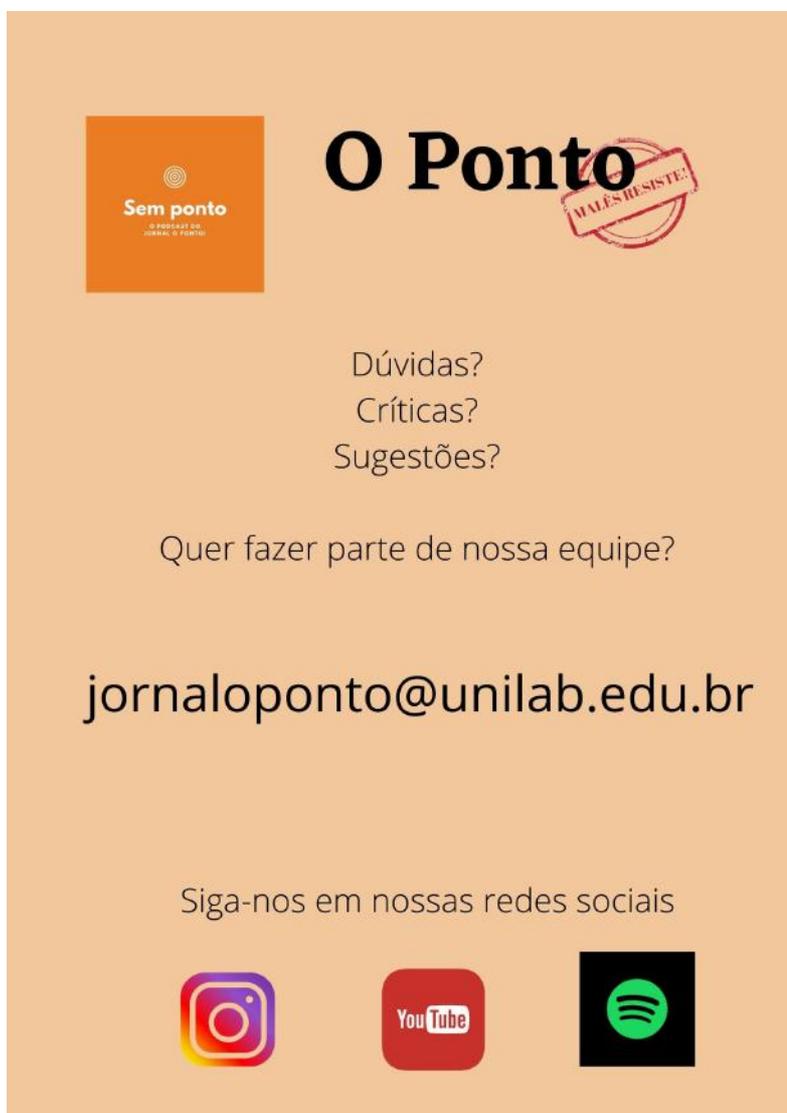
Quando começamos esse trabalho, tínhamos sonhos, ideias e vontades que, ao longo de nossos encontros de organização e planejamento, foram sendo delineados, discutidos e melhor construídos. Deu muito trabalho, mas valeu cada esforço!

Agradeço aos estudantes, em primeiro lugar, pela dedicação e vontade de aprender e fazer o seu melhor. às suas brilhantes ideias, aos seus textos, entrevistas, resenhas, contos e poemas. Agradeço por terem tido medo e terem tido a coragem de enfrentá-los. Muito obrigado!

Agradeço aos colegas professores e professoras, que, generosamente, apesar de suas agendas conturbadas e suas questões de vida, se dispuseram a compartilhar conosco um pouco de seus conhecimentos. Muito obrigado!

Agradeço à professora Sabrina Balsalobre, companheira de muitas lutas e co-coordenadora desse projeto, por toda a caminhada e parceria e por ter conduzido com maestria o nosso podcast "Sem Ponto". Muito obrigado!

Agradeço a vocês, leitores e leitoras, que deram sentido a toda essa caminhada e em muito contribuíram para a melhoria de nossos trabalhos. Muito obrigado!



O Ponto

Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais



2022 será um ano de grandes desafios e novidades para nosso Jornal. Será um ano de mudanças na equipe, de ampliação de nossas tarefas e de firmar novas parcerias. Um ano de aprendizados que vai exigir muita sabedoria e força para continuarmos a fazer O Ponto e o Sem Ponto existirem.

E nós esperamos que cada um de vocês receba nosso abraço afetuoso, sentindo nossa presença e nossa energia para que, juntas, possamos seguir adiante, com saúde, com vacina, com justiça social, com equidade, com nosso Campus dos Malês sendo bem cuidado pelos governantes e pela gestão superior e com todas e todos fazendo o melhor pela Educação Pública de Qualidade!

Axé!